

DAVID DUKE

**Antigo Membro da Casa dos Representantes do Estado de Louisiana;
Ex-Candidato à Presidência dos Estados Unidos da América.**

Assuntos tratados pelo autor no presente livro:

Carta aberta enviada pelo autor ao Presidente Bush;

Porquê Estados Unidos foi atacado;

A Verdadeira Razão pela qual sofremos terrorismo;

A grande Mentira;

Israel tem um assassino de massa como Chefe de Estado;

Israel fundado pelo terror contra britânicos e palestinos;

O terror de Deir Yassin;

O terror da tortura israelense: mínimo 150.000 vítimas;

Terror contra o povo libanês;

Terrorismo israelense contra os Estados Unidos;

O ataque terrorista de Israel contra o USS Liberty;

O ataque ao World Trade Center;

Israel deseja o terrorismo árabe contra nações

Ocidentais;

Qual foi o papel de Israel no ataque ao WTC?

Evidência da traição do Mossad no ataque ao WTC;

Alerta antecipado aos israelenses;

O que é bom para Israel é mau para os Estados

Unidos.

CONTRAPONTO



**O Waterloo
de Israel?**

David Duke

**Ex-Candidato à Presidência dos Estados Unidos da América.
Antigo Membro da Casa dos Representantes do Estado Louisiana.**

DAVID DUKE

**Ex-Candidato à Presidência dos EUA,
Político Membro da Casa dos
Representantes do Estado de Louisiana, USA
Presidente Nacional da European-American Unity
and Rigths (EURO)**

O WATERLOO DE ISRAEL ?

**CONTRAPONTO !
Às notícias publicadas pela mídia
sobre os acontecimentos do dia
11 de setembro de 2001.**



REVISÃO

Editora e Livraria

Conferindo e Divulgando a História

Caixa postal, 10466 – Cep 90001-970 – PORTO ALEGRE – RS - Fones: 3223.1643 e 9965.7235

PORTAL NA INTERNET: www.revision.com.br

Carta aberta ao Presidente dos Estados Unidos
enviada por David Duke, ex candidato à presidência dos E.U.A.

MAS, POR FAVOR, DIGA-NOS TODA A VERDADE!

George W. Bush

Presidente dos EE.UU.

Prezado senhor Presidente,

Durante seu apaixonado e realmente grande discurso perante o Congresso, o senhor falou-nos da necessidade de proteger os EE.UU. contra o terrorismo. É verdade. Eloqüentemente o senhor falou da grandeza e da coragem de muitos norte-americanos durante essa crise que enfrentamos no dia 11 de setembro. Como um antigo político que tem ouvido milhares de discursos, foi provavelmente um dos melhores que já ouvi na minha vida.

Mas, Sr. Presidente, o senhor também disse, ao Congresso e ao povo norte-americano, algo bastante inexato.

Cito-o:

"Os norte-americanos se perguntam: Por quê nos odeiam?"

"Eles odeiam o que vêem justamente aqui nesta câmara: um governo democraticamente eleito. Seus líderes (dos terroristas) são auto-designados. Eles odeiam nossas liberdades: nossa liberdade de crença, nossa liberdade de expressão, nossa liberdade de eleição e de reunião, e de discordar uns dos outros".

Com todo o devido respeito à sua pessoa, Sr. Presidente, esta afirmação é totalmente falsa. Os meios de comunicação têm dito repetida e incorretamente que este foi um ataque contra a liberdade, e desafortunadamente, o senhor repetiu essa idéia no seu discurso.

A verdade óbvia é que aqueles que nos atacaram não dão a menor importância ao tipo de governo que temos. Eles não nos atacaram por odiarem nossa democracia e nossas liberdades. Eles certamente não atacam a Suíça ou a Suécia ou qualquer outra das democracias do mundo.

Rogo que o senhor concorde comigo, de que o povo norte-americano merece a mais profunda honestidade antes de nos comprometermos em uma guerra.

O ataque do dia 11 de setembro nada teve a ver com gente que odeia nossas liberdades. Foi puramente relacionado com a política exterior de EE.UU. e, principalmente, por nosso apoio econômico e militar a Israel.

Tão estranho quanto possa soar aos norte-americanos, aqueles que nos atacaram o fizeram porque eles vêem os líderes de nossa nação exatamente do mesmo modo que nós vemos a eles. Eles consideram que o senhor e todos os líderes recentes de EE.UU. são terroristas. Se o senhor quiser saber as reais razões porquê eles atacam os Estados Unidos, o senhor deveria ler simplesmente o que eles escrevem sobre os Estados Unidos.

Eles afirmam que devem lutar contra os Estados Unidos em consequência do seu respaldo de 50 anos ao terrorismo de Israel contra os palestinos e outros povos do Oriente Médio, da mesma maneira que nós dizemos que devemos castigar o Afeganistão por respaldar o terrorismo de Bin Laden. Eles vêem os Estados Unidos como uma nação terrorista por termos respaldado o despojo israelense de 700.000 palestinos de suas terras e lares e de arrebatá-lhes seus direitos humanos mais básicos, inclusive o direito de viver onde nasceram!

Eles dizem que EE.UU. apoiam o terrorismo ao apoiarem a Israel, principalmente quando sabemos que Israel tortura mensalmente de 500 a 600 palestinos em seus cárceres. Eles dizem que EE.UU. apoiam o terrorismo ao apoiarem Israel no assassinato de 40.000 libaneses na sua invasão àquele país. Eles perguntam ao mundo como os EUA pode continuar apoiando Israel, inclusive quando este bombardeou os abrigos civis da Cruz Vermelha e matou mulheres e crianças em grande quantidade.

Eles perguntam como o Presidente dos EUA pode almoçar na Casa Branca com Ariel Sharon, o homem responsável pela morte a sangue frio de 2.000 pessoas nos campos de Sabra e Chatilla, no Líbano. Eles também vêem os Estados Unidos como um estado terrorista por causar a morte de mais de 500.000 crianças iraquianas. Leslie Stahl, da rede de televisão CBS questionou a secretária de estado norte-americana, Madeleine Albright, sobre aquelas mortes, afirmando que eram, de longe, pior do que o custo em mortes em Hiroshima. Albright respondeu que, para castigar a Saddam Hussein, as mortes daquelas crianças "valiam a pena".

Evidentemente que, por qualquer que sejam as razões dos ataques do 11 de setembro, nós como norte-americanos, devemos nos defender por todos os meios necessários. Nenhum norte-americano deveria jamais enfrentar tão horrível terrorismo como o daquela amaldiçoada terça-feira negra. E eu saúdo sua determinação em nos defender.

Mas, antes de respondermos de uma forma indiscriminada e gerar mais ódio contra nós, devemos examinar honestamente a causa de sermos tão odiados e

e porquê estamos sendo atacados. Ao afirmar que somos atacados simplesmente porque eles odeiam nossa liberdade, o senhor impede que examinemos as reais razões das causas do ódio contra nós.

É evidente que os dirigentes israelenses que controlam os meios de comunicação dos EUA não querem que discutamos as consequências diretas de nossas ações econômicas e militares a favor de Israel. Muito menos querem que se discutam os vínculos entre Israel e os eventos do dia 11 de setembro. Mas esta crise demonstra que devemos discuti-los. É vital para nossa segurança nacional.

Como Presidente, o senhor deve cuidadosamente considerar nosso envolvimento no exterior e as políticas utilizadas durante os últimos 50 anos e perguntar-se, se realmente é do interesse do povo norte-americano este nosso envolvimento em todas aquelas guerras externas e conflitos.

Como Presidente o senhor jurou defender os EE.UU. Imploro-lhe que, descompromissadamente, considere em primeiro plano os interesses do povo norte-americano. Não podemos permitir sermos manipulados por poderosos lobbys que devem obediência a Israel. Além do que, os desejos dos meios de comunicação dominados pelos judeus não são necessariamente os desejos do povo norte-americano. Devemos colocar os interesses do povo norte-americano expressamente em primeiro lugar.

Os trágicos fatos do dia 11 de setembro não sucederam porque existe gente que odeia a liberdade nos Estados Unidos. Se não examinarmos as profundas causas do crescente ódio contra nosso país, estaremos condenados a sofrer muitos outros dias terríveis como o de 11 de setembro. Que Deus o guie e proteja Sr. Presidente, assim como aos Estados Unidos e a todo o povo norte-americano. O senhor tem a mais poderosa espada do planeta em suas mãos. Neste momento crítico da história da América do Norte, que Deus lhe dê grande sabedoria para usar seu poder para extinguir, mais do que para avivar, as chamas do ódio contra os Estados Unidos. Rogo-lhe que ponha os interesses do povo norte-americano no centro de qualquer ação que venha a tomar.

À sua disposição, e à dos Estados Unidos,

David Duke

(A não publicação desta carta, na grande imprensa, com os motivos reais do atentado, apenas confirma novamente o controle dos meios de comunicação exercido por parte dos dirigentes israelenses, conforme denuncia o conhecido político. conhecimento. N.R.)

Como o terrorismo Israelense e a traição Americana causaram os ataques de 11 de setembro

Por David Duke, National President of European-American Unity and Rights Organization (EURO)

21 de Novembro de 2001

Se Osama bin Laden é o homem por trás do ataque que causou a morte de milhares de norte-americanos em 11 de setembro, eu, como a maioria dos norte-americanos, quero que ele sofra a punição máxima por seu crime. Nenhuma pessoa ou nação que comete terrorismo contra os Estados Unidos deve escapar da punição.

Mas agora eu vou fazer uma declaração que pode chocar você. Se você concorda que aqueles que cometem atos terroristas contra os Estados Unidos devem ser punidos, então os Estados Unidos devem colocar Israel no topo de nossa lista de alvos; porque neste artigo, eu vou provar que Israel tem cometido atos deliberados de terrorismo assassino e traição contra os Estados Unidos.

Os atos de terrorismo e traição de Israel contra os Estados Unidos não somente tem passado impunes, mas tem inclusive sido recompensados por políticos que tem traiçoeiramente apunhalado os Estados Unidos.

Eu irei mostrar que Israel tem cometido mais terrorismo continuamente na última metade do século vinte do que qualquer outra nação na Terra. Então eu irei expor o terrorismo e a traição de Israel contra os Estados Unidos da América. Finalmente, eu irei mostrar os fatos chocantes provando que Israel deliberadamente procurou a morte de milhares de norte-americanos em 11 de setembro.

Porquê os Estados Unidos foi atacado?

Ninguém iria contestar que, fossem quais fossem suas motivações, se bin Laden estivesse por trás do horror dos ataques do WTC, ele mereceria a punição por matar tantas pessoas inocentes. Ao mesmo tempo, é vital que nós saibamos porque bin Laden e milhões de outros ao redor do mundo

passaram a odiar os Estados Unidos.

Porquê há tantos homens dispostos a arriscar ou até mesmo sacrificar suas vidas para nos atingir? Eu certamente espero que ninguém que esteja lendo isto seja tão ingênuo em acreditar que os crescentes milhões de indivíduos que odeiam os Estados Unidos nos odeiam porque nós somos "livres". Esse chavão deve ser a noção mais ridícula já vendida ao povo norte-americano desde o "pet rock".

Para acabar com a ameaça do terrorismo contra o povo norte-americano, nós devemos conhecer a verdadeira razão pela qual nós somos tão odiados. A tecnologia moderna torna tão ridiculamente fácil o assassinato em massa e o terrorismo que praticamente qualquer um pode fazê-lo. Ele não pode ser detido com poderio militar.

De fato, até mesmo a força bruta que nós estamos usando no Afeganistão supostamente para erradicar o terror – já mostra sinais de estar levantando ódio mundial suficiente contra os Estados Unidos para surgir mil novos terroristas para cada um que nós possamos matar.

Eu também imagino qual deve ser a taxa de morte no Afeganistão. Talvez 1 membro da rede al-Qaida seja morto para cada 10 soldados comuns e civis afegãos que basicamente estejam só tentando sobreviver e viver suas vidas, como o resto de nós. Ou talvez seja 1 terrorista para cada 100 afegãos. Eu suspeito que os números verdadeiros estejam mais próximos de 1000 não-terroristas mortos pela vida de 1 verdadeiro terrorista que possa realmente vir a incomodar os Estados Unidos.

Talvez nós devamos ter coragem o bastante para considerar as razões possíveis sobre o porquê tantos nos odiarem. Somente quando nós temos todos os fatos, ao invés de clichês bonitinhos como "eles estavam atacando a liberdade", nós poderemos então decidir o melhor caminho para protegermos nosso povo no futuro.

A propósito, como nós definimos "um ataque contra a liberdade americana?" Eu diria que um verdadeiro "ataque contra a liberdade" é rasgar a Carta de Direitos e a Constituição dos Estados Unidos.

As Dez Emendas são o verdadeiro núcleo do que a liberdade americana realmente é. George Bush e o Congresso Norte-Americano, armado com a nova declaração do Ato Patriota dos U.S.A. fizeram infinitamente mais para tirar nossas liberdades Constitucionais do que bin Laden jamais poderia ter feito.

A verdadeira razão pela qual nós sofremos terrorismo

A verdadeira razão pela qual nós sofremos o terrorismo no ataque ao WTC é chocantemente simples.

Muitos políticos norte-americanos têm traído o povo norte-americano ao cegamente apoiar a nação líder em terrorismo na Terra: Israel.

Os meios de comunicação de massa norte-americanos e o governo não podem ter as duas coisas. Se eles são motivados em atacar o Afeganistão por esse país dar apoio e conforto a terroristas, então alguns palestinos naturalmente irão achar motivação em atacar os Estados Unidos por dar ajuda e até mesmo apoio militar a Israel, uma nação que tem cometido incansável terrorismo contra eles.

Traidores dos Estados Unidos têm permitido uma nação estrangeira terrorista controlar o Governo dos Estados Unidos. Alguns dos leitores devem achar absurdo para eu afirmar que uma nação estrangeira controla os Estados Unidos. Mas considere o fato de que o ex-chefe do Comitê de Relações Internacionais do Senado dos Estados Unidos, William Fullbright, disse exatamente isso. Ele declarou no programa de TV Face the Nation (Encarando a Nação) da rede ABC que "Israel controla o Senado dos Estados Unidos" (1). E o Senador Fullbright não era nenhum bobo; está em seu próprio nome o motivo pelo qual os mais brilhantes estudantes disputavam as aulas de Fullbright (que significa "todo brilhante). Não somente o Senador Fullbright fez essa séria acusação, como também o ex-chefe da Junta dos Líderes dos Oficiais (Joint Chiefs of Staff), George Brown, assim como muitos outros, disseram essencialmente a mesma coisa.

Nós podemos dizer que nós não podemos fazer o Congresso apoiar um programa (israelense) como esse. E eles dizem que não nos preocupemos com o Congresso. Nós vamos cuidar do Congresso. Isto é alguém de outro país, mas eles podem fazer isso. Eles possuem, você sabe, os bancos neste país, os jornais. Simplesmente olhe para onde o dinheiro judaico está. --- (2) (General George S. Brown, former Chairman of the Joint Chiefs of Staff)

É claro, o General Brown na verdade atenuou o controle judaico da mídia norte-americana. É verdade que eles controlam os mais influentes jornais na América do Norte, incluindo os três primeiros: The New York Times, o

Washington Post, e o Wall Street Journal. Eles também possuem as três maiores revistas: Time, Newsweek e U.S. News and World Report. Mas muito mais importante ainda, eles dominam totalmente a televisão e a mídia de transmissão eletrônica, os dois maiores conglomerados de mídia, sendo o Time-Warner e a Disney, e sua dominação inclui os executivos das três maiores redes de notícias: ABC, CBS e NBC. O controle da mídia por partisans pró-israelenses é outro assunto para outra hora, mas se você gostaria de ter a documentação completa, por favor visite meu website www.davidduke.com e puxe um capítulo de meu livro My Awakening, chamado "Who Runs the Media" (Quem domina a mídia). A extrema tendência pró-israelense da mídia é o que faz com que a maioria dos Norte-Americanos seja totalmente ignorante do histórico terrorista de Israel. Tudo o que este artigo necessita fazer é aplicar apenas um pequeno alfinete no balão da propaganda Israelense, porque só precisará de uns poucos bons golpes para estourar o balão de mentiras que cerca Israel.

Eu irei mostrar a você evidências documentadas de que durante os últimos 50 anos Israel se engajou em mais terrorismo assassino do que qualquer nação do mundo; e que ao apoiar seu comportamento criminoso, a América do Norte está agora recebendo de volta o ódio fanático de centenas de milhões de pessoas ao redor do globo. O apoio do terrorismo israelense levou diretamente ao terrorismo agora acontecendo nos Estados Unidos. A maioria dos Norte-Americanos nem sequer imaginam a magnitude e a extensão do terrorismo israelense por causa do controle judaico da mídia de massa mencionado pelo General Brown. Um exemplo importante do incrível poder da mídia é sua habilidade de propagar a Grande Mentira de que o ataque ao WTC nada teve a ver com Israel; que os atacantes kamikazes odiavam e atacaram os norte-americanos porque nós somos "livres".

A Grande Mentira

A mídia de massa norte-americana dominada pelos judeus e os políticos controlados por Israel não querem que o povo norte-americano perceba realmente o incrível preço que os Estados Unidos paga por apoiar cegamente Israel. Após os ataques de 11 de setembro de 2001, até mesmo o Presidente Bush repetiu a mentira absurda, de que o ataque ocorreu porque eles odiavam o fato de que nós somos livres. Se Bin Laden está por trás do terrorismo, como a mídia diz, então eles sabem que o ataque ocorreu não

porque ele odeia a liberdade.

Apenas três anos atrás, a televisão ABC e o programa Frontline da PBS entrevistaram Bin Laden durante o período da administração Clinton. Bin Laden claramente declarou porque ele se opunha aos Estados Unidos:

"Eles (Norte-Americanos) têm se colocado à disposição de um governo desleal,... isto é Israel dentro dos Estados Unidos. Vejam os ministros importantes, como a Secretária de Estado e o Secretário da Defesa, e a CIA, você vai ver que os judeus têm o controle total sobre eles. Eles fazem uso dos Estados Unidos para avançar seus planos para o mundo..."

"Por mais de meio século, os muçulmanos na Palestina têm sido assassinados, agredidos e roubados de sua honra e propriedade (pelos judeus). Suas casas tem sido explodidas, suas colheitas destruídas... Esta é minha mensagem ao povo norte-americano: para buscar por um governo sério que cuide de seus próprios interesses e que não ataque as terras de outros povos, ou a honra de outros povos..." (3)

Mesmo em vista de seus alegados crimes, bin Laden nunca em sua vida inteira proferiu uma palavra sequer contra a democracia! A mídia inventou a mentira sobre o ataque à democracia para esconder a real verdade; de que os Estados Unidos está sendo atacado em retaliação pelo apoio do governo norte-americano às políticas terroristas de Israel no Oriente Médio.

A unanimidade da mídia em propagar esta gigantesca mentira sem contradição deveria fazer toda pessoa pensante suspeitar que os norte-americanos não estão obtendo a verdade inteira da mídia. Primeiro vamos dar uma olhada no terrorismo de Israel contra os palestinos.

Israel: um assassino de massa como chefe de Estado

O primeiro ministro de Israel, Ariel Sharon é um dos mais sanguinários terroristas do mundo. Ele é responsável pelo assassinato a sangue-frio de no mínimo 1500 homens, mulheres e crianças nos campos de refugiados de Chatila e Sabra, em Beirute. Até mesmo uma comissão formal Israelense declarou Sharon pessoalmente responsável pelos massacres no Líbano. (4) Em 1982, como ministro da defesa de Israel, Sharon dirigiu a invasão do Líbano e os bombardeios maciços e devastação da cidade de Beirute (no

Líbano, morreram cinco vezes mais mulheres e crianças do que vítimas do ataque em Nova York em setembro). Esse bombardeio de terror foi feito pelos judeus usando caças a jato e bombas fornecidas pelos Estados Unidos.

Depois da devastação e ocupação militar israelense, Sharon removeu à força os lutadores da resistência palestina do Líbano. Muitas mulheres, crianças e idosos palestinos foram deixados para trás em campos perto de Beirute. Os Estados Unidos publicamente garantiram sua segurança e prometeram que eles seriam rapidamente entregues às suas famílias e entes queridos. Quando Sharon planejou seu massacre, ele não somente planejou um sangrento ato de terrorismo contra os refugiados; ele sabia que isso seria um ato de traição contra os Estados Unidos que iria levantar um ódio intenso contra este país.

Na noite de 16 de setembro de 1982, Sharon enviou esquadrões de assassinato de uma falange dentro dos dois campos de refugiados, Sabra e Chatila. Com tanques e tropas israelenses cercando perto os campos para evitar que qualquer palestino escapasse, os esquadrões de assassinato metralharam, espetaram com baionetas e espancaram com rifles civis palestinos durante toda a noite, no dia seguinte e na noite seguinte; tudo enquanto os israelenses que cercavam o campo ouviam alegremente os ruídos de metralhadoras e gritos vindos de dentro. Sharon mandou então tratores para esconder o máximo possível da atrocidade. No mínimo 1500 homens, mulheres e crianças palestinos foram chacinados, e talvez até 2500. (um oficial de investigação libanês chegou ao número de 2500). Mesmo após os esforços dos tratores de Sharon, muitos palestinos permaneceram desenterrados, e os trabalhadores da Cruz Vermelha acharam famílias inteiras; incluindo centenas de idosos e crianças pequenas, com suas gargantas cortadas ou destripados.

Um número incontável de mulheres e meninas foi também estuprada antes que fossem assassinadas.

Ariel Sharon é procurado para julgamento pelo Tribunal de Haia, o mesmo órgão que conseguiu a extradição do ex-presidente Iugoslavo Slobodan Milosevic por acusações de crimes contra a humanidade em Kosovo. Sharon não viaja para a Bélgica por medo de ser detido pela Corte Internacional pelo massacre. (5)

Apesar de ele ser procurado por seus assassinatos em Chatila e Sabra, Sharon poderia ser julgado por qualquer um de uma dúzia de outros massacres cometidos em sua chocante carreira, de crimes contra a humanidade que tem origem desde 1953. O Jornal Israelense Ha'aretz

relembra o papel de liderança de Sharon no massacre na vila de Kibya em 1953. "Os soldados do Major Ariel Sharon mataram 70 palestinos no ataque de represália, a maioria dos quais mulheres e crianças". (6)

Os Estados Unidos, que pediu pela detenção e julgamento de Milosevic pelo Tribunal de Haia, finge desconhecer os assassinatos em massa de Sharon.

Ao invés de entregar a Sharon um mandado de detenção por assassinato em massa e colocá-lo nas algemas que ele merece, o Presidente Bush cumprimenta Sharon com apertos de mão e abraços! Como o mundo deveria, sem acreditar no que está vendo, quando Bush se reúne com Sharon para "lutar contra o terrorismo".

Se o Presidente Bush realmente é sério quanto a punir nações que apóiam ou refugiam terroristas, ele terá que começar por Israel, uma nação que elegeu um dos piores terroristas e assassinos em massa do mundo como seu Chefe de Estado. Será que o Senado Norte-Americano controlado por Israel irá punir Israel por abrigar terroristas? Não. Ao invés disso, nós fornecemos para seus terroristas bilhões de dólares dos contribuintes Norte-Americanos e até mesmo as armas com as quais eles assassinam!

O assassinato de refugiados palestinos por Israel depois que os Estados Unidos publicamente tinham garantido sua segurança não foi somente um crime contra a humanidade, mas também um crime de traição contra os Estados Unidos. Sharon e outros envolvidos estavam completamente cientes da bem divulgada promessa da segurança dos refugiados pelos Estados Unidos.

O massacre em Beirute de Sabra e Chatila foi a motivação principal para o ataque libanês à bomba suicida que matou 241 Marines norte-americanos em Beirute menos de um ano depois, e claramente demonstra como o apoio norte-americano ao terrorismo israelense leva à terríveis conseqüências para os Estados Unidos. O Los Angeles Times, ao discutir um livro revelador de um ex-agente do Mossad (serviço secreto) israelense, mostrou que o Mossad teve conhecimento prévio do ataque terrorista ao quartel dos Marines no Líbano em 1983, mas traiçoeiramente não alertou os Estados Unidos. (7)

Entre as alegações mais chocantes de Ostrovsky estão de que o Mossad falhou em compartilhar com os Estados Unidos informações detalhadas que poderiam ter evitado o ataque suicida à bomba do quartel dos Marines em

Beirute que matou 241 oficiais norte-americanos;...

Israel: fundado pelo terror contra britânicos e palestinos

Em seu esforço de arrancar a Palestina do controle britânico, os sionistas fizeram uma campanha de terror incansável, incluindo a explosão à bomba do Hotel King David, que matou 93 pessoas. Eles mataram friamente oficiais e soldados britânicos. Os sionistas assassinavam qualquer um em seu caminho, incluindo o mundialmente respeitado mediador da ONU, o Conde Folke Bernadotte, que ousou dizer ao mundo sobre a campanha de terror e assassinato sionista. Uma tática favorita das gangues terroristas de Irgun e Stern era seqüestrar soldados britânicos e lentamente tortura-los até a morte. Israel também foi a primeira nação a empregar a moderna técnica terrorista da carta-bomba; e com o passar dos anos, mandou centenas delas, matando dúzias de seus inimigos e muitos inocentes que por acaso passavam no local, ao redor do mundo. O terrorismo atual de envio de antraz por correio é simplesmente a derivação da carta bomba.

O terror de Deir Yassin

Os palestinos, é claro, têm sido as maiores vítimas desse meio século de terror israelense. De fato, Israel esculpiu seu estado da Palestina através de uma deliberada política de terror contra os palestinos. Esse foi o método pelo qual eles expulsaram 800.000 palestinos de suas casas, ocupações e famílias (9). Em seu livro *A Revolta* (10), o ex-primeiro ministro Menachem Begin vangloria-se sobre seu papel no massacre de 254 palestinos em Deir Yassin (a maioria das vítimas eram idosos, mulheres e crianças que permaneceram na vila ocupada pelos israelenses). Em seu livro, Begin mostra que Deir Yassin e outros massacres causaram pânico entre os residentes, causando a fuga aterrorizada deles de suas casas. Esse terror em massa intencional permitiu os sionistas tomar o controle da Palestina. E devemos notar que os refugiados ainda não têm permissão para retornar para casa mesmo após mais de meio século!

O que os terroristas sionistas fizeram de fato em Deir Yassin e outras vilas que causou com que o povo palestino fugisse de medo? Um médico da Cruz Vermelha, Jacques de Reynier, chefe representativo do Comitê Internacional da Cruz Vermelha em Jerusalém deu um testemunho chocante do massacre

em seu relatório oficial (11).

De Reynier chegou à vila no segundo dia, e viu a “faxina”, como um dos terroristas israelenses lhe declarou. Ela tinha sido feita com metralhadoras, depois granadas, e foi terminada com facas. Os judeus decapitaram algumas das vítimas e feriram fatalmente 52 crianças na presença de suas mães. Eles cortaram fora 25 úteros de mulheres grávidas e assassinaram os bebês na frente delas.

Israelenses presentes em Deir Yassin têm confirmado essas atrocidades. Depois de sua aposentadoria em 1972, o oficial israelense do Haganah, Coronel Meir Pa’el, declarou o seguinte sobre Deir Yassin ao Yediot Ahronot, uma das principais publicações judaicas:

“Os homens do Irgun e do LEHI saíram de onde se escondiam e começaram a ‘limpar’ as casas. Eles atiravam em qualquer um que viam, mulheres e crianças incluídas, e os comandantes não tentavam parar o massacre... eles eram levados a uma pedreira entre Deir Yassin e Giv’at Shaul, e assassinados a sangue frio... (12)”.

O comandante da unidade Haganah que controlou Deir Yassin depois do massacre, Zvi Ankori, fez esta declaração ao jornal israelense Davar: “Eu visitei seis ou sete casas. Eu vi genitálias cortadas fora e estômagos pisados das mulheres. De acordo com os sinais de disparos nos corpos, foi assassinato direto (13)”.

Você já viu algum documentário de TV ou qualquer filme de Hollywood sobre o terror israelense em Deir Yassin ou de muitos outros atos de terror israelense contra o povo palestino? Você certamente já viu um monte de música de violino sobre as vítimas judaicas de Hitler, mas você ouviu algum violino para quaisquer outras vítimas palestinas de Begin, Shamir, Barak e Sharon? De forma bem apropriada à sua longa lista de terrorismo contra o povo palestino, Israel tem o péssimo hábito de eleger seus mais notórios assassinos em massa e terroristas como seus Chefes de Estado.

Os Estados Unidos possuem uma divisão inteira do Departamento de Justiça dedicada a caçar nazistas que cometeram crimes contra a humanidade. Enquanto os Estados Unidos obstinadamente perseguem idosos suspeitos de serem criminosos de guerra alemães, os presidentes norte-americanos oferecem banquetes oficiais para honrar criminosos de guerra judeus!

O Sr. Bush gosta de falar sobre erradicar terroristas malignos, mas será que um massacre como o de Deir Yassin não é claramente um ato de um mal puro?

Como Begin mostra em "A Revolta", o terror contra os palestinos foi um fator crucial para estabelecer Israel. Esse terror estabeleceu o estado judaico e ele realmente determinou o clima por mais de meio século de terror contínuo contra o povo palestino.

52 anos de terror constante contra os palestinos.

Desde 1948, os palestinos têm encarado terrorismo incessante de Israel. Centenas de vilas foram destruídas e literalmente varridas do mapa. Dezenas de milhares de lares foram bombardeados, demolidos ou dinamitados em tempo de paz! Dezenas de milhares de homens, mulheres e crianças têm sido mortas. Até números maiores têm sido cegos, aleijados, desfigurados e mutilados.

Centenas de milhares tem sido presos e/ou torturados.

Reagindo contra a resistência palestina à ocupação israelense, Israel nunca se acanhou em bombardear campos de refugiados cheios de mulheres e crianças. Tanques, helicópteros e até mesmo caças israelenses são usados para jogar bombas ou disparar mísseis no meio dos bairros palestinos e campos de refugiados, cheios de mulheres e crianças. Essas armas não podem discriminar entre um suposto terrorista e uma menina de oito anos. Tais armas podem matar uma criança da mesma forma que elas podem matar inimigos do estado. Palestinos suspeitos de se opor ativamente à ocupação israelense da Cisjordânia ou de Gaza têm tido suas casas e famílias atacadas por canhões, mísseis ou bombas israelenses. E depois que o suspeito é morto ou preso, o exército israelense inicia a demolição ou dinamita a casa da família. Milhares de casas têm sido destruídas dessa forma. Israel também tem matado centenas de líderes palestinos com assassinatos e ataques terroristas. Esses ataques frequentemente matam pessoas inocentes passando próximo. Muitos dos que foram assassinados nunca estiveram associados a qualquer tipo de violência; eles simplesmente eram poetas, escritores ou religiosos que pelas suas palavras têm inspirado em seus compatriotas o desejo pela liberdade. O primeiro ministro anterior a Ariel Sharon foi Ehud Barak. Em 1972, durante um período de paz entre Israel e o Líbano, ele liderou um comando de assassinato israelense em Beirute, Líbano, onde ele assassinou pessoalmente o escritor palestino Kamal Edwan e sua família inteira. No meio da noite, usando metralhadoras com silenciadores, ele e seu time assassinou Edwan e sua mulher enquanto eles dormiam em sua cama. Como uma medida de segurança, ele até mesmo

Como uma medida de segurança, ele até mesmo assassinou a filha do casal que estava dormindo em outro quarto. Quando o novo primeiro ministro eleito, Ehud Barak, foi à Nova York e Washington, a imprensa controlada judaica tratou esse homem que assassinou uma família inteira como se ele fosse um herói.

Os duplos-padrões parecem nunca acabar. Quando um oficial do gabinete israelense, Rechavam Zeevi, foi assassinado por palestinos em outubro de 2001, Sharon e alguns oficiais norte-americanos denunciaram isso como "terrorismo". Se os disparos contra Zeevi foram realmente terrorismo, como nós poderíamos chamar os muitos anos de assassinatos israelenses de centenas de figuras políticas, filósofos, clérigos e poetas palestinos? Porquê a imprensa não mostra que Zeevi era um supremacista judaico que descrevia os palestinos vivendo e trabalhando ilegalmente em Israel como "piolhos" e "câncer em nosso meio (14)?" O próprio Zeevi era um terrorista que defendia a expulsão forçada de todos os palestinos dos territórios ocupados e o assassinato de todos aqueles que resistissem à ocupação israelense. Ele até mesmo publicamente pediu pelo assassinato de Yasser Arafat.

Ainda assim, a mesma imprensa que chama seu assassinato de "terrorismo" nunca chama o pró-homicida Zeevi de terrorista ou até mesmo de supremacista judeu. O próprio assassinato de Zeevi foi uma resposta direta ao assassinato de um líder palestino algumas semanas antes.

Em 1991, em uma reunião do gabinete Israelense, Zeevi disse que o Presidente George Bush, ao pressionar Israel para os acordos de paz, era um "inimigo de Israel", e que a "América estava conspirando para fazer um segundo Holocausto. (15)". Com um suposto "aliado" como esse, os Estados Unidos precisam de inimigos?

O poder dos judeus na mídia mundial mantém muitas pessoas ignorando totalmente o terror de centenas de assassinatos israelenses. De fato, até mesmo antes do ataque terrorista ao WTC em setembro, a BBC instruiu seus repórteres a chamar o assassinato israelense de seus inimigos de "execuções de alvos" ao invés do que realmente eles eram: assassinatos (16). No entanto, a BBC (que é densamente preenchida por pessoal judaico) referiu-se à morte de Zeevi como um assassinato, e não uma "execução de alvo". O público tem sido sujeito a esse tratamento distorcido e pasteurizado de Israel pela mídia por anos. Não é nenhuma surpresa que poucos britânicos e menos ainda norte-americanos estejam a par do histórico de terrorismo de Israel. É por esta razão que eu não posso culpar a maioria dos norte

americanos por sua ignorância do terrorismo israelense.

O terror da tortura israelense: no mínimo 150.000 vítimas

A tortura brutal de milhares de opositores e inimigos deve ser classificada como uma forma particularmente perversa de terrorismo. Dezenas de milhares de palestinos têm sido torturados nas cadeias e prisões israelenses. Um grupo de direitos humanos judaico em Israel confirmou em um relatório de 60 páginas que 85% dos palestinos detidos são submetidos à tortura enquanto sob custódia. (17) E não se engane: muitas das torturas enfrentadas por essas vítimas palestinas são coisas dos piores pesadelos possíveis. A tortura israelense inclui tudo desde asfixiar vítimas com sacos molhados de urina e fezes amarrados em suas cabeças, até o uso de bastões elétricos, do tipo usado para conduzir gado, para estupro anal e mutilações.

Israel freqüentemente sequer admite dizer quem estão detendo, portanto se eles decidirem matar ou torturar até a morte um palestino enquanto ele está sob custódia, seu corpo simplesmente irá desaparecer, ou eles depois irão dizer que ele morreu em uma batalha com a polícia israelense antes da captura. Muitos milhares de palestinos e libaneses têm morrido enquanto estavam sob custódia Israelense.

Um artigo por Joel Greenburg no bastante pró-israelense New York Times, declarou factualmente que Israel tortura 500 a 600 palestinos todos os meses. (18) Este número, que provavelmente é baixo demais, já que vem do pró-Israel New York Times, significa que a cada ano pelo menos 6000 palestinos são torturados em Israel. A tortura de palestinos tem sido contínua em Israel desde 1948 (53 anos até hoje). Mesmo se contarmos apenas a metade do número de palestinos que o Sr. Greenburg disse que sofrem tortura a cada ano – pelo menos 150.000 seres humanos têm sido torturados nas cadeias israelenses desde a fundação do estado judaico.

Cedendo aos problemas de relações públicas que Israel passou a ter devido a sua tortura legalizada, em 1999 a Suprema Corte Israelense fez uma declaração intencionalmente vaga de que a tortura às vezes é ilegal, mas os grupos de direitos humanos israelenses e palestinos fornecem muitas evidências de que a declaração foi apenas para as aparências das relações públicas. Eles fornecem evidências de que a tortura continua da mesma forma que antes da declaração. (19)

Seguindo o exemplo de Israel, os jornalistas judeus estão agora começando a defender o uso da tortura nos Estados Unidos! Uma edição recente da Newsweek mostrou em manchete um artigo intitulado “Hora de pensar sobre a tortura; é um novo mundo, e sobrevivência pode bem requerer velhas técnicas que pareciam fora de questão.” (20) Até o suposto campeão das liberdades civis, o advogado judeu Alan Dershowitz, agora apóia a tortura. (21)

Victor Ostrovsky, um ex-agente do Mossad israelense, escreveu dois livros sobre o terror israelense contra seus inimigos. Em um deles, ele discute o destino dos palestinos que ilegalmente cruzam as fronteiras em busca de trabalho em Israel. Muitos milhares desses jovens homens simplesmente nunca mais são vistos novamente depois de serem capturados pelas forças israelenses. Alguns deles são levados para as instalações ABC onde eles são submetidos ao indescritível terror do contato com armas químicas, nucleares ou biológicas.

... ABC significa atômico, bacteriológico e químico. Era lá onde nossos melhores cientistas epidemiológicos estavam desenvolvendo várias máquinas do apocalipse... no caso de acontecer uma guerra total no qual esse tipo de arma fosse necessária; não haveria lugar para erros. Os infiltradores palestinos vinham bem a calhar nesse propósito. Como cobaias humanas, eles poderiam garantir que as armas que os cientistas estavam desenvolvendo funcionariam adequadamente e poderiam verificar o quão rápidas elas funcionariam e torná-las mais eficientes. (22)

Terror contra o povo libanês

Durante a invasão e ocupação Israelense do Líbano de 1978 a 2000, no mínimo 15.000 civis morreram. Um exemplo do terror israelense foi o bombardeio intencional do centro da ONU em Qana, Líbano, que ocorreu a apenas cinco anos atrás. O seguinte artigo não foi escrito por um palestino, um árabe ou sequer um muçulmano, mas pelo inglês Robert Fisk, um dos mais respeitados jornalistas britânicos trabalhando no Oriente Médio. Ele escreve para o jornal de Londres, The Independent. Se um norte-americano quer entender o ódio que Israel está gerando para os Estados Unidos, ouse então ler este sangrento relato e ouse dar uma olhada nas figuras mostrando as realidades do terror israelense:

“A maioria dos norte-americanos têm lido relatos sangrentos de atrocidades

do holocausto judeu ou até mesmo sobre vítimas israelenses de homens-bomba palestinos suicidas. Eles têm visto dúzias dos filmes e documentários mais chocantes sobre vítimas judaicas, mas a maioria dos norte-americanos nunca leu sequer um relato como o citado aqui. Você não vai ler tais documentos em jornais ou revistas norte-americanos.”

“Qana, sul do Líbano – Foi um massacre. Desde Sabra e Chatila que eu não via inocentes trucidados dessa forma. As mulheres, crianças e homens libaneses refugiados jaziam em pilhas, com suas mãos, braços ou pernas faltando, decapitados ou destripados. Havia certamente mais de uma centena deles. Um bebê jazia sem a cabeça. Os obus e munições israelenses caíram sobre eles por sobre o abrigo das Nações Unidas, enquanto eles acreditavam que estariam a salvo sob a proteção internacional. Como os muçulmanos de Srebrenica, os muçulmanos de Qana estavam enganados.

“Na frente de um edifício em chamas do quartel do batalhão Fijiano da ONU, uma menina segurava um corpo em seus braços, o corpo de um homem grisalho cujos olhos estavam fixos nela, e ela chacoalhava o corpo pra frente e pra trás em seus braços, lamentando, chorando e gritando as mesmas palavras, de novo e de novo: “Meu pai, meu pai”. Um soldado fijiano da ONU entrou no meio de um mar de corpos e, sem dizer uma palavra, levantou o corpo de uma criança sem cabeça.

“A sangrenta realidade do terrorismo de Israel.

Trabalhadores removem as vítimas (a maioria mulheres, crianças e idosos) mortos por forças israelenses no Líbano, incluindo a criança decapitada mostrada acima.

... Quando eu andei na direção deles, eu escorreguei em uma mão humana...

“O massacre de civis por Israel nesta terrível ofensiva de 10 dias – 206 na última noite – tem sido tão impetuoso, tão feroz, que nenhum libanês esquecerá essa chacina. Houve o ataque à uma ambulância no sábado, as irmãs mortas em Yohmor no dia anterior, a menina de 2 anos decapitada por um míssil israelense a quatro dias atrás. E na manhã de ontem, os israelenses tinham assassinado uma família de 12 – o mais novo era um bebê de quatro dias de idade – quando pilotos de helicópteros israelenses dispararam mísseis contra a casa deles.

Logo depois, três jatos israelenses despejaram bombas a somente 250 metros de distância de um comboio da ONU no qual eu estava viajando,

explodindo uma casa até 30 pés de altura no ar na frente de meus olhos. Viajando de volta para Beirute para enviar meu relatório sobre o massacre de Qana para o The Independent na noite passada, eu vi dois botes armados israelenses disparando contra carros civis na ponte do rio ao norte de Sidon... Um soldado francês da ONU murmurou palavras para si mesmo enquanto ele abria um saco no qual ele jogava pés, dedos, pedaços de braços de pessoas...

“Nós tínhamos subitamente nos tornado não tropas da ONU e jornalistas, mas ocidentais, aliados de Israel, um objeto de ira e ódio. Um homem com barba e olhos ferozes nos encarava, sua face escurecida pela fúria. “Vocês são americanos”, ele gritou para nós. “Americanos são cachorros. Vocês fizeram isto. Americanos são cachorros.

“O presidente Bill Clinton tem se aliado com Israel em sua guerra contra o “terrorismo”, e os libaneses, em seu desgosto, não esqueceram disto. A expressão oficial de tristeza de Israel foi esfregar sal em suas feridas. “Eu gostaria de me tornar uma bomba e me explodir no meio dos Israelenses”, um homem velho disse...” (23)”

Se cada norte-americano lesse o artigo acima por Robert Fisk, isso os ajudaria a entender porquê os Estados Unidos são tão odiados e porquê nós agora encaramos terroristas kamikazes. Se você quer saber as reais motivações de terroristas como Osama bin Laden, a The National Magazine realizou uma entrevista com ele em 21 de setembro de 1998. Ela descreve a reação dele ao massacre israelense de Qana.:

“Quando eu vi bin Laden pela última vez, ele ainda estava obsessivo com o massacre israelense de 107 refugiados libaneses abrigados em um campo da ONU em Qana em abril de 1996. Israel disse que tinha sido um ‘engano’, a ONU admitiu o contrário e o presidente Clinton chamou-a simplesmente de “tragédia” – como se isso tivesse sido um desastre natural. Foi, segundo bin Laden, um ato de ‘terrorismo internacional’. Tem que haver justiça, ele disse, e julgamento para seus perpetradores israelenses. Clinton usou quase as mesmas palavras sobre bin Laden e seus apoiadores em Agosto. Mas os surdos, como sempre, estavam falando aos surdos”. (24)

A maioria dos norte-americanos nunca irá ver quaisquer declarações como esta de Robert Fisk sobre Qana. O apertado controle israelense sobre a imprensa e o governo norte-americano tem sido bem sucedido em suprimir muitas das histórias sobre o terrorismo israelense contra os palestinos. Eu irei mostrar agora que eles também tem sido bem sucedidos em esconder e

encobrir atos assassinos de guerra e terrorismo de Israel contra os Estados Unidos da América.

Terrorismo israelense contra os Estados Unidos

Em 1954, o governo Israelense lançou uma operação secreta de terror contra os Estados Unidos chamada Operação Suzannah. Ela conspirava assassinar norte-americanos e explodir instalações norte-americanas no Egito. O plano deles era deixar falsas evidências de que os egípcios teriam feito esses atos, para forçar os Estados Unidos a entrar em guerra contra o Egito ao lado de Israel. Agentes judeus conseguiram explodir alguns escritórios e bibliotecas norte-americanas em Cairo e Alexandria. No caminho de explodir um cinema norte-americano, um estabelecimento da Metro-Goldwin-Mayer, a bomba de um agente israelense explodiu prematuramente. Graças a isso, tanto para o Egito como para os Estados Unidos, o complô foi então exposto e detido em seus estágios iniciais.

Por causa da captura dos agentes israelenses, o mundo soube da traição israelense, e o ministro do exterior de Israel, Pinhas Lavon, foi forçado a renunciar. O episódio todo se tornou conhecido como o caso Lavon. Hoje, a mídia norte-americana dominada pelos judeus habilmente encobre esta traição israelense contra nós.

A maioria dos norte-americanos não sabe nada sobre isso. Por exemplo, apenas uma leve menção ao caso Lavon é achada na popular Enciclopédia Encarta. Trata-se de um artigo sobre Ben Gurion, de autoria do pró-sionista Bernard Reich. A propósito, o artigo do autor ilustra um típico padrão da mídia. Quando os norte-americanos supõem que estão lendo uma isenta e imparcial enciclopédia ou relatos numa revista de notícias, eles muito freqüentemente estão lendo relatos distorcidos escritos por ardentes judeus sionistas.

Ben-Gurion retornou à política em 1955 para substituir o Ministro da Defesa Pinhas Lavon—que renunciou depois de uma tentativa mal-sucedida de sabotar as relações do Egito com o Ocidente.(25)

Note como o artigo fracamente diz, “uma tentativa mal-sucedida de sabotar as relações do Egito com o Ocidente”. O que isso significa? “Sabotar relações” soa como se Israel pudesse ter simplesmente dito algumas coisas

negativas sobre o Egito e os Estados Unidos pelas costas de ambos. O engano intencional usado nesse artigo pelo seu autor judeu é típico das distorções que continuam acontecendo inúmeras vezes na mídia de massa.

A citação na Encarta deveria estar escrita assim:

“—Que foi forçado a renunciar depois que Israel foi pego cometendo explosões terroristas contra os Estados Unidos para traiçoeiramente incitar os Estados Unidos à guerra contra um inimigo de Israel.”

Estou seguro de que noventa por cento daqueles que leram isto nunca ouviram falar desses fatos. Alguns podem achar que estou inventando tudo isso. Bem, se você ainda duvida de que Israel tem cometido estes atos terroristas contra os Estados Unidos no Egito, aqui está uma citação de um artigo recente que apareceu na revista judaica Moment, escrito por Samuel Katz e feito para seu pequeno público leitor judaico. Ele é mais direto, ainda que omitindo a palavra provocativa terrorismo, uma palavra que Israel usa quando os Palestinos explodem bibliotecas e cinemas.

E os fracassos eram tão comuns quanto os sucessos espetaculares. No meio dos anos 50, A'man (a Agência de Defesa Judaica) sofreu um sério revés durante a infame “Operação Suzannah”, quando agentes israelenses provocaram judeus no Egito a atacar alvos Norte-Americanos e Britânicos e incitar o sentimento anti-ocidental. Muitos judeus foram presos, e alguns foram executados. A malfeita operação foi um severo embaraço para o governo do Primeiro-Ministro David Ben-Gurion e seu Ministro da Defesa, Pinhas Lavon (26)

Portanto, no caso Lavon nós aprendemos como nossos chamados “melhores amigos nos Oriente Médio”, Israel, recompensa os Estados Unidos por seu incondicional apoio monetário e militar: cometendo terrorismo contra nós! Pense sobre o fato de que a maioria dos norte-americanos nunca sequer ouviu falar sobre esse ataque terrorista israelense contra nós.

Se o governo Egípcio estivesse realmente por trás desse terror contra os Estados Unidos, nós teríamos certamente considerado isso como um ato de guerra e nós teríamos atacado o Egito logo em seguida, da mesma forma como fizemos com o Afeganistão. E a imprensa; ela teria exigido por tais ataques da mesma forma como exigiu contra o Afeganistão. De fato nós atacamos o Afeganistão por muito menos motivos do que nós temos para atacar Israel.

Nenhuma evidência existe de que o Afeganistão aprovou ou sequer soube qualquer coisa sobre o ataque ao World Trade Center, mas no Caso Lavon, o governo Israelense cometeu um ato direto de guerra contra os Estados

Unidos. Nós, é claro, não bombardeamos Tel Aviv em retaliação. Nós não cortamos nossas relações diplomáticas. De fato, nós nem sequer cortamos nossos bilhões de dólares em ajuda monetária e militar!

Qualquer oficial Norte-Americano que tivesse dado ajuda aos Japoneses após o ataque a Pearl Harbor iria ser processado como um traidor pelos Estados Unidos.

Deixe-me ser perfeitamente claro. Aqueles Norte-Americanos que continuaram a apoiar Israel depois que ele cometeu atos terroristas contra o povo dos Estados Unidos – claramente cometeram traição contra nossa nação.

Se os líderes Norte-Americanos, depois dos ataques terroristas de Israel contra nós no Caso Lavon, tivessem simplesmente parado com sua ajuda traidora à Israel, não haveriam quaisquer outros atos subseqüentes de terror contra nós, tais como os ataques ao World Trade Center e ao Pentágono.

O ataque terrorista de Israel ao USS Liberty

Em 1967, durante a Guerra dos Seis Dias, Israel cometeu um grave e deplorável ato terrorista contra os Estados Unidos da América. Em 8 de junho, Israel usou caças e botes com torpedos sem identificação para lançar uma hora e meia de ataques contra o navio da marinha norte-americana USS Liberty, tendo como custo 34 vidas norte-americanas e 171 feridos. (27)

Os israelenses primeiro atacaram as torres de rádio do Liberty numa tentativa de deter a Sexta Frota de tomar conhecimento de que os israelenses eram os atacantes. Depois que caças israelenses sem identificação horrivelmente bombardearam o Liberty, Israel mandou botes com torpedos para acabar o trabalho. Eles até mesmo metralharam os botes salva-vidas num esforço para garantir que não haveriam sobreviventes (testemunhas) que os expusessem.

Somente o heroísmo e engenhosidade do capitão e da tripulação do USS Liberty manteve o plano israelense longe de conseguir sucesso. Eles foram capazes de manter o navio flutuando assim como conseguiram contatar a frota, e faze-la saber que Israel, ao invés do Egito, tinha atacado o navio. Sabendo que seu plano tinha sido exposto, Israel recuou e docilmente declarou que seu ataque foi um caso de engano de identidade. Eles disseram

que confundiram o USS Liberty com um navio Egípcio.

O Secretário de Estado dos Estados Unidos na época, Dean Rusk, e o Chefe da Junta de Chefia Militar, Almirante Thomas Moorer, ambos disseram que o ataque não tinha sido acidente, que Israel deliberadamente atacou o USS Liberty. De fato, era um dia claro com uma fria brisa e o Liberty mostrava uma enorme bandeira norte-americana e grandes números de identificação internacional no seu casco. Jatos israelenses sobrevoaram o USS Liberty bem antes do ataque, voando tão perto que os membros da tripulação do Liberty podiam até mesmo ver os acenos dos pilotos enquanto eles passavam. Da mesma forma que no Caso Lavon, Israel esperava culpar esse ato de guerra em seu inimigo, os egípcios. Dessa vez, somente a coragem e destreza da tripulação do Liberty preveniram a continuação da farsa.

A mídia norte-americana, controlada por judeus, não expressou nenhum ultraje pelo ataque e prontamente aceitou a desculpa enganadora de Israel pelo fato. Apesar de que nosso próprio Secretário de Estado e nosso Chefe da Junta de Chefia Militar disseram que o ataque israelense foi proposital, o lobby judaico foi até mesmo capaz de prevenir um inquérito formal do Congresso para investigar o ataque. Em contraste, o navio irmão do USS Liberty, o USS Pueblo, foi capturado pela Coréia do Norte no ano seguinte (1968), com a perda de uma vida, mas assim, o Congresso Norte-Americano iniciou um inquérito formal sobre o ataque. Ainda não houve nenhum inquérito formal sobre o ataque ao USS Liberty. O oficial comandante do Liberty, Capitão William McGonagle, foi condecorado com a maior honra dos Estados Unidos, a Medalha Congressional de Honra, por sua esplêndida coragem durante o ataque israelense. Mas ele recebeu a condecoração em uma cerimônia discreta no US Navy Yard, ao invés de receber na Casa Branca (como é de costume), para não ferir a imagem do próprio inimigo que matou 34 de seus camaradas e feriu-o junto com mais 174 norte-americanos no Liberty.

Como os líderes políticos dos Estados Unidos respondem a este ato de guerra israelense contra si próprios? Será que os Estados Unidos bombardearam Tel Aviv como fizeram com Cabul, no Afeganistão? Não, o governo norte-americano controlado por Israel, junto com a mídia norte-americana controlada por judeus cometeram um claro caso de traição contra os Estados Unidos ao encobrir esse maligno ataque terrorista, e continuar a mandar bilhões de dólares de impostos norte-americanos para Israel em ajuda financeira e militar.

Novamente, eu invoco o exemplo de Pearl Harbor. Qualquer oficial do governo norte-americano que fornecesse qualquer ajuda ou conforto ao

Japão depois do ataque em 1941 teria sido processado como traidor aos Estados Unidos. Eu acuso aqueles oficiais do governo norte-americano que colaboram com o lobby judaico e mídia no apoio contínuo a Israel depois do ataque ao USS Liberty – de traidores contra os Estados Unidos da América!

Se, depois do traiçoeiro ataque de Israel ao USS Liberty, nós simplesmente tivéssemos parado de apoiar o estado terrorista de Israel, nós certamente não teríamos sofrido o terrorismo de 11 de setembro de 2001.

Israel: Uma nação que espiona os Estados Unidos e vende nossos segredos aos nossos piores inimigos

Na década de 1980, Israel recrutou um judeu norte-americano, Jonathan Pollard, para espionar contra os Estados Unidos. Depois de sua prisão, oficiais israelenses primeiro declararam que ele era um “agente irresponsável e independente”, mas depois eles admitiram que Pollard estava trabalhando para eles desde o início. Com exceção dos espíões judeus Ethel e Julius Rosenberg, que deram nossos segredos da bomba atômica para os soviéticos, provavelmente nenhum outro espião causou maiores danos ao nosso país do que os danos feitos por esse único espião israelense: Jonathan Pollard.

O uso das informações de Pollard por Israel não somente destruiu nossas operações de inteligência no Oriente Médio; ele praticamente destruiu nosso aparato de inteligência na União Soviética e no Bloco da Europa Oriental. (28) Muitos dos mais leais e melhores agentes dos Estados Unidos no mundo comunista foram executados porque Israel vendeu ou trocou informações roubadas por Pollard para os soviéticos. (29) Como o artigo abaixo de Eric Margolis mostra, nosso “maravilhoso amigo e aliado” Israel não permitiu sequer aos Estados Unidos interrogar os agentes do Mossad que lidaram com a ação de espionagem de Pollard para determinar a real extensão do dano feito aos Estados Unidos e os perigos impostos aos agentes norte-americanos no exterior.

Alguns dos segredos mais delicados e imensamente importantes roubados por Pollard podem ter sido vendidos ou trocados por Israel com a União Soviética.

Vários agentes da CIA no bloco comunista foram alegadamente executados como resultado da espionagem de Pollard. A KGB provavelmente ganhou acesso a códigos ultra-segretos norte-americanos – diretamente de Israel, ou

através de espíões no governo de Israel.

Resumindo, a traição de Pollard causou um dos maiores desastres em segurança na história moderna dos Estados Unidos...

Portanto, Israel, que recebe bilhões de dólares de ajuda norte-americana, tem traiçoeiramente nos espionado e danificado a própria segurança dos Estados Unidos. Para demonstrar mais o desprezo deles por nós, eles até mesmo trocaram as informações mais secretas que roubaram de nós com nossos piores inimigos. Mesmo após as desculpas formais públicas de Israel pela espionagem de Pollard, Israel continuou nos espionando. O Los Angeles Times em 1997 relatou que um judeu norte-americano chamado David A. Tenenbaum “admitiu divulgar segredos a Israel”. (30) Para citar o Los Angeles Times, “Um engenheiro civil trabalhando numa instalação do comando do Exército perto de Detroit admitiu divulgar informações militares secretas para oficiais Israelenses ao longo dos últimos 10 anos.”

Mesmo depois que Israel provou sua disposição em nos espionar e criticamente danificar as operações de inteligência norte-americanas, o Presidente Clinton indicou um judeu sionista para ser o chefe do Conselho de Segurança Nacional (NSA), a posição mais alta de inteligência na Casa Branca. Até mesmo o jornal israelense Maariv se referiu a Berger como um “judeu quente”, significando que ele é dedicado a Israel em primeiro lugar. (31) Indicar Berger como chefe do Conselho de Segurança Nacional depois do caso de espionagem de Pollard foi loucura pura. O fato de que Israel pode cometer esses ultrajes contra os Estados Unidos sem sofrer sarcásticos ataques da mídia ou sequer o fim da ajuda a Israel, mostra o poder extremo deles sobre nós e a traição que alcança os mais altos escalões do establishment norte-americano. Não é nenhuma surpresa que Ariel Sharon pudesse fazer a seguinte declaração a Simon Peres quando ele sugeriu que Israel pudesse perder a ajuda norte-americana se não retrocedesse nas recentes incursões israelenses. Sharon respondeu:

“Toda vez que nós fazemos alguma coisa você me diz que os Estados Unidos vão fazer isso e aquilo... Eu quero lhe dizer uma coisa bem claramente: Não se preocupe com a pressão norte-americana a Israel. Nós, o povo judeu, controlamos os Estados Unidos, e os norte-americanos sabem disso.” Ariel Sharon, 3 de outubro de 2001 (32)

Não foi somente Jonathan Pollard que cometeu traição contra os Estados Unidos. Todos aqueles no governo norte-americano que continuaram a fornecer apoio financeiro e militar a uma nação estrangeira que nos espiona e danifica severamente nossas operações de inteligência (também causando as mortes de agentes norte-americanos) têm cometido traição contra os

Estados Unidos da América. Em resposta a esses atos contínuos de traição contra os Estados Unidos, um verdadeiro governo norte-americano patriota teria (no mínimo) parado nosso apoio a Israel. Apoiar uma nação estrangeira depois de ela cometer tais atos de traição contra os Estados Unidos é nada menos que traição.

O ataque ao World Trade Center

Portanto, o histórico é claro. Israel é o pior estado irresponsável terrorista na Terra. Israel e seus líderes terroristas, tais como Begin, Shamir, e Sharon tem cometido mais de meio século de incansável limpeza étnica, bombardeios, fuzilamentos, tortura e assassinato contra o povo palestino.

Israel também tem cometido numerosos atos de traição e terrorismo contra os Estados Unidos da América como eu claramente mostrei documentando o Caso Lavon, o escândalo de espionagem de Pollard, e o ataque ao USS Liberty.

Por causa do esmagador poder israelense na mídia e no governo, traidores dos Estados Unidos continuam a apoiar, com pouco ou nenhum medo de punição, essa nação criminosa e terrorista.

De fato, esses traidores dos Estados Unidos forneceram a Israel as mesmas armas que eles usaram para cometer o ataque terrorista ao Liberty!

Através dos esforços de judeus e outros traidores aos Estados Unidos, o governo norte-americano tem embarcado numa política externa que repetidamente trai os mais básicos e verdadeiros interesses norte-americanos. Apoio maciço financeiro e militar norte-americano permitiu a Israel continuar seu incansável terrorismo contra os palestinos. O apoio traiçoeiro norte-americano ao terror israelense nos causou um intenso ódio contra os Estados Unidos, ferindo enormemente os interesses econômicos e estratégicos norte-americanos, e finalmente nos atirando o terrorismo o que está agora crescendo contra nós.

Os traidores que venderam os Estados Unidos a Israel são tão culpados pela perda de 5000 vidas norte-americanas em 11 de setembro quanto aqueles que seqüestraram e espatifaram os aviões no World Trade Center e no Pentágono.

Israel deseja o terrorismo árabe contra nações Ocidentais.

Nos últimos dois anos, Israel sofreu o pior desastre de relações públicas em sua história. A eleição de um assassino em massa como Ariel Sharon para ser seu Primeiro Ministro foi a última gota para milhões de pessoas honestas e decentes ao redor do mundo. A Conferência da ONU sobre racismo, que rotulou Israel como um "Estado de Apartheid", também apontou uma crescente desaprovação à Israel.

Então, subitamente, o ataque ao World Trade Center mudou o humor do mundo de volta a favor de Israel. Será que isso foi uma simples coincidência de sorte para Israel?

Como eu mostrei neste artigo, líderes israelenses têm lançado ataques terroristas contra os Estados Unidos disfarçando-os de ataques árabes, porque eles sabem que qualquer ataque terrorista árabe aos Estados Unidos promove seus próprios interesses. Eles estão totalmente conscientes de que quanto maior for o ataque aos Estados Unidos; quanto maior for a carnificina, melhor é para Israel. Ariel Sharon aprendeu uma lição importante em Beirute. Ao invés de cometer diretamente atrocidades contra os Estados Unidos, como fizeram no Caso Lavon e no ataque ao USS Liberty, é muito mais fácil e seguro continuar a cometer atrocidades tais como Sabra e Chatila contra o povo árabe, para dirigir seus inimigos islâmicos contra o Ocidente. Isso é precisamente o que ocorreu no ataque a bomba retaliatório contra o contingente de marines norte-americanos e tropas francesas em Beirute, e é o contínuo terror israelense que motivou o ataque ao World Trade Center.

Qual foi o papel de Israel no ataque ao WTC?

O jornal Washington Times divulgou uma história em 10 de setembro de 2001 sobre um estudo de 68 páginas publicado pelo U.S Army School for Advanced Military Studies (SAMS) (Escola do Exército para Estudos Militares Avançados dos Estados Unidos). O estudo, lançado pela escola de elite do Exército, detalhou os perigos de uma possível força ocupacional do Exército dos Estados Unidos no Oriente Médio. Aqui está o comentário sobre a visão do estudo sobre o Mossad israelense:

Sobre o Mossad, o serviço de inteligência israelense, os oficiais do SAMS dizem: “Carta perigosa: Implacável e traiçoeiro. Tem capacidade de atingir forças dos Estados Unidos e fazer parecer como se fosse um ato palestino/árabe.”

Ironicamente, dentro de 24 horas depois da publicação da história, o World Trade Center e o Pentágono foram atacados. Poderia ser o “implacável e traiçoeiro Mossad”, como os oficiais do Exército dos Estados Unidos descreveram, ocultamente estar por trás do ataque?

O Mossad é a mais implacável e cruel organização terrorista no mundo inteiro. É também a maior e mais sofisticada organização de inteligência. Nenhuma outra nação chega perto de sua amplitude e poder no Oriente Médio. Ele se orgulha de se infiltrar em cada organização palestina e árabe de porte no mundo.

Sabendo desses fatos, pode restar pouca dúvida de que o Mossad tenha penetrado profundamente em uma das mais antigas, maiores e considerada a mais perigosa organização terrorista árabe no mundo; a al-Qaida de Bin Laden.

Mais ainda, o FBI e a CIA claramente têm declarado que o ataque ao WTC e ao Pentágono foi uma grande operação encoberta usando uma rede internacional de no mínimo uma centena de terroristas, espalhando-se sobre três continentes. Poderiam os agentes do Mossad na al-Qaida assim como o resto da vasta rede de infiltrantes e informantes do Mossad desconhecer sobre a operação terrorista árabe mais extensa e ambiciosa da história?

Claro, é extremamente difícil provar o papel preciso de uma organização estrangeira e secreta de inteligência, tal como o Mossad, num ato terrorista; eles não se vangloriam de seus feitos na internet. Mas evidências poderosas estão acumulando-se de que os israelenses tinham conhecimento prévio do ataque de 11 de setembro nos Estados Unidos. E, se de fato, eles tinham conhecimento antecipado desses atos assassinos de terrorismo – e então tiveram a mentalidade e o sangue-frio de não avisar os Estados Unidos porque eles viam um horrível massacre de milhares de norte-americanos como sendo bom para Israel – conclui-se que eles não sentiriam nenhuma restrição em de fato instigar e ocultamente ajudar esse plano terrorista através de seus próprios agentes provocadores. Vamos dar uma olhada nas fortes evidências indicando que o Mossad tinha conhecimento prévio do ataque de 11 de setembro.

Evidência de traição do Mossad no ataque ao WTC

No dia seguinte ao ataque ao World Trade Center, o Jerusalem Post, o mais famoso e respeitado jornal israelense no mundo, relatou que 4000 israelenses estavam desaparecidos no ataque ao WTC. O Ministro do Exterior compilou o número através de parentes israelenses, que nas primeiras horas depois do ataque contataram o Ministro do Exterior Israelense e forneceram os nomes de amigos e parentes israelenses que trabalhavam no WTC ou tinham negócios agendados lá ou nas estruturas próximas. Mesmo sem ver o artigo no Jerusalem Post, apenas pela lógica bastaria para nos dizer que haveria centenas, se não milhares de israelenses no World Trade Center no momento dos ataques. O envolvimento judaico internacional com bancos e finanças é legendário. Por exemplo, duas das mais ricas firmas em Nova York são Goldman-Sachs e a Solomon Brothers; e ambas as firmas tem escritórios nas torres gêmeas. Muitos executivos nessas firmas regularmente viajam para Israel. Nova York é o centro do poder judaico financeiro mundial, e o World Trade Center é seu epicentro. Poderia-se naturalmente esperar que o número de mortes israelenses fosse catastrófico. O Jerusalem Post certamente pensou isso em 12 de setembro de 2001. Aqui está o começo do artigo:

“Milhares de israelenses desaparecidos perto do WTC e Pentágono O Ministro do Exterior em Jerusalém até agora já recebeu os nomes de 4000 israelenses que se acreditam terem estado nas áreas do World Trade Center e do Pentágono no momento do ataque.” (A manchete e a primeira sentença do artigo do Jerusalem Post) (33)

Quando George Bush fez seu discurso no Congresso, ficou claro que ele cometeu um erro significativo além do erro de dizer que os atacantes ao WTC fizeram esse ato porque eles “odiavam a liberdade”. Bush fez uma notação ao dizer que somados aos milhares de norte-americanos, 130 israelenses tinham morrido no WTC. A implicação era dizer que Israel partilhava de nosso sofrimento, e que nós e Israel estamos nessa coisa juntos. Depois de ouvir o número de 130 mortos israelenses, esse número me pareceu suspeitamente baixo pra mim. Se 4000 israelenses estavam no WTC e se a contagem de mortos no WTC era cerca de 4500 (cerca de 10 por cento das 45000 pessoas que costumam estar normalmente nos edifícios naquele momento), o número israelense deveria ser estatisticamente cerca de 400, e não 130.

Como um lugar para realizar negócios e de trabalho, o World Trade Center não era um local de baixos salários ou um lugar do tipo MacDonaldis; era um local com altos salários, alta tecnologia, empregos de alto nível e posições executivas primariamente com finanças internacionais, bancos e comércio de ações. Eu me perguntei como poderiam apenas haver 130 israelenses mortos, quando houve uma estimativa de 199 mortos da Colômbia e 428 das Filipinas?

Em artigos anteriores nos quais eu escrevi sobre o terror de 11 de setembro, eu não fiz alusão a essas suspeitas, porque eu sempre me orgulhei de jamais escrever algo que eu não pudesse firmemente substanciar. Mas enquanto eu pesquisava para esse artigo sobre o terror israelense contra a Palestina e os Estados Unidos, eu descobri o fato mais chocante que eu jamais me deparei em todos os meus anos de pesquisa e escrita. Eu descobri um simples fato que tem enormes ramificações a respeito do terror do ataque de setembro.

Procurando entre centenas de artigos, tentando encontrar uma pista para o verdadeiro número de israelenses mortos, eu achei um artigo do New York Times que esclareceu o número preciso de Israelenses que morreram no ataque ao World Trade Center. Ficou claro que dos 130 israelenses que o presidente Bush tinha dito que haviam morrido no World Trade Center, 129 deles ainda estavam vivos. Somente um israelense tinha realmente morrido. Eu estava incrédulo. “Meu Deus”, eu disse para mim mesmo, “um só israelense!”

Aqui está o trecho pertinente do NY Times:

“Mas entrevistas com muitos oficiais de consulados na sexta-feira sugeriram que as listas de pessoas que eles estavam coletando variavam muito em sua utilidade. Por exemplo, a cidade de alguma forma recebia relatos de muitos israelenses que temia-se estarem desaparecidos no local, e o presidente Bush em seu discurso à nação na terça à noite mencionou que cerca de 130 israelenses tinham morrido nos ataques.”

Mas na sexta, Alon Pinkas, o consul geral de Israel aqui, disse que as listas de desaparecidos incluíam relatos de pessoas que tinham sido incluídas porque, por exemplo, parentes em Nova York não tinham ainda retornado suas ligações de Israel. Haviam, de fato, somente três israelenses que estavam confirmados como mortos: dois nos aviões e um outro que estava visitando as torres por causa de negócios e tinha sido identificado e enterrado. (New York Times, 22 de setembro de 2001) (34)

O número muito baixo de 130 sugeria que muitos israelenses no World Trade Center tinham sido avisados antes do ataque. Quando eu descobri a verdade de que somente um israelense havia morrido, não restou dúvida nenhuma de que houve um alerta antecipado para muitos israelenses. Ter somente uma morte israelense entre 4500 mortos no WTC é simplesmente uma impossibilidade estatística. Até mesmo se o Ministro do Exterior Israelense e o Jerusalem Post tivessem errado grandemente ao superestimar o número de israelenses no World Trade Center, ao dizer 3000 (400 por cento), ainda deveriam haver no mínimo 1000 israelenses lá no momento do ataque. Novamente, mesmo se somente algumas centenas de israelenses estivessem presentes no momento do ataque, somente uma morte israelense seria um absurdo estatístico. Ou 11 de setembro tinha sido um grande feriado judaico, ou muitos cidadãos israelenses tiveram algum alerta antecipado sobre o ataque iminente.

Alerta antecipado aos israelenses

A segunda coisa que eu pesquisei foi verificar se haviam quaisquer alertas confirmados aos israelenses anteriormente aos ataques. Eu rapidamente achei um artigo em Newsbytes, um serviço de notícias do Washington Post, intitulado “Mensagens instantâneas à Israel alertaram sobre o ataque ao WTC”. (35) O jornal israelense Ha’aretz, também confirmou os alertas precedentes para Israel e confirmou que o FBI estava investigando os alertas. (36) Os artigos detalharam que uma firma israelense de envio de mensagens, a Odigo, com escritórios tanto no World Trade Center quanto em Israel, recebeu um certo número de alertas apenas duas horas antes do ataque.

Mensagens instantâneas para Israel alertaram sobre o ataque ao WTC. Funcionários na firma de mensagens instantâneas Odigo confirmaram hoje que dois empregados receberam mensagens de texto alertando sobre um ataque ao World Trade Center duas horas antes de os terroristas espatifarem os aviões nos destaques turísticos de Nova York. Mas Alex Diamandis, vice presidente de vendas e marketing, confirmou que os funcionários do escritório de pesquisa, desenvolvimento e vendas internacionais da Odigo em Israel receberam um alerta de outro usuário do Odigo aproximadamente duas horas antes do primeiro ataque. (Do Newsbytes do Washington Post)

Então agora nós temos poderosas e convincentes evidências de fontes impecáveis que Israel tinha conhecimento prévio do ataque. Primeiro, sem um alerta prévio, não poderia ter nenhuma vítima israelense no World Trade Center. Segundo, há uma clara confirmação de que uma companhia com escritórios tanto em Israel quanto no WTC recebeu alertas imediatamente antes do ataque.

Quem teria alertado os israelenses do ataque iminente, se não o Mossad israelense? O fato de que o governo de Israel tinha conhecimento prévio do ataque iminente e alertou vítimas potenciais israelenses, mas deliberadamente deixou milhares de norte-americanos morrerem – faz dos israelenses tão responsáveis pela carnificina quanto os atacantes árabes do WTC.

O que é bom para Israel é ruim para os Estados Unidos

Você pode estar certo de que a alegria jorrou nos corações de todos os terroristas israelenses quando eles testemunharam a nuvem de fumaça subindo das torres gêmeas. O FBI até mesmo prendeu cinco israelenses num telhado próximo às torres gêmeas, filmando e comemorando todo o evento. (37) Eles sabiam que a resistência norte-americana e mundial ao supremacismo e terrorismo de Israel evaporariam junto com o colapso das torres do World Trade Center. Talvez a declaração mais direta e clara foi quando um repórter do NY Times questionou o ex-primeiro ministro israelense Benjamin Netanyahu, um homem tão radical quanto Ariel Sharon.

Aqui estão as palavras do entusiasmado ex-primeiro ministro: Questionado hoje a noite sobre o que o ataque significaria para as relações entre os Estados Unidos e Israel, Benjamin Netanyahu, o ex-primeiro ministro respondeu, “É muito bom”. Então ele se remendou: “Bem, não muito bom, mas irá gerar simpatia imediata”. (38)

O ataque ao World Trade Center foi obviamente muito bom para Israel; de fato, Israel foi a única nação que se beneficiou com isso. O histórico de mais de meio século de incansável terrorismo de Israel ficou completamente apagado em comparação com o horror e a magnitude visual desse espetacular ataque terrorista. Quando a mídia judaicamente dominada norte-americana repetidamente mostrou alguns poucos e muito sofridos palestinos celebrando os ataques, os palestinos se tornaram injustamente retratados como estando por trás do terror do World Trade Center, ainda que todas as

organizações palestinas condenaram o ataque, e nenhuma único palestino sequer teve algum envolvimento provado.

É claro, foi os Estados Unidos que sofreram a maior parte, com quase 5000 mortos, uma economia ferida e as piores restrições contra as liberdades Constitucionais na história norte-americana. O Caso Lavon, o ataque ao Liberty, a espionagem de Jonathan Pollard, e a morte de 5000 norte-americanos em 11 de setembro – tudo isso foi bom para Israel, mas terrivelmente ruim para os Estados Unidos.

Quando os Estados Unidos irá finalmente entender que o que é bom para o estado terrorista de Israel é destrutivo e até mortal para os Estados Unidos da América?

Quando nós teremos o brio e a coragem dar um basta aos agentes israelenses e aos traidores norte-americanos que têm orquestrado cinquenta anos de apoio ao terrorismo israelense e cinquenta anos de traição contra nosso próprio país?

Minha vida é dedicada a um Estados Unidos livre, seguro e soberano, um Estados Unidos dedicado ao nosso próprio povo e nossos próprios interesses; não os propósitos criminosos de uma nação estrangeira e terrorista.

Qualquer que seja o custo pessoal para mim, eu irei continuar a perseguir esse caminho.

Eu convoco-lhê para se juntar a mim nesse caminho. Eu peço para que não troque sua segurança pelo custo de sua liberdade e sua honra.

Partilhe corajosamente das informações deste artigo com outros norte-americanos e com o resto do mundo. Deixe-nos dizer a verdade sobre a pior nação terrorista da Terra: Israel. Ao fazer isso, você estará ajudando a salvar não somente as vidas do povo palestino, mas as vidas e liberdade do povo norte-americano também.

David Duke
Former Member of the House of Representatives
State of Louisiana, United States of America
www.davidduke.com

NOTAS DE RODAPÉ E DOCUMENTAÇÃO

1. Fulbright, Sen. William. (1973). Face the Nation. CBS: New York. April 15.
2. Getler, Michael. (1974). Pentagon Chief Suggests Israel Lobby Has Too Much Influence. Los Angeles Times.
3. ABC News and PBS Frontline web sites have the interview (1998)
4. Israel Kahan Commission.
5. United Press International. (2001) Sharon fears to visit Belgium. Sept.
6. Ha'aretz. (2001). As long as he doesn't hurt us again. Feb. 16, 2001
7. Los Angeles Times. (1998). Mossad's Checkered Past. Home Edition. pp A-16. Feb. 27.
8. Begin, M. (1964). The Revolt: The Story Of The Irgun. Tel-Aviv: Hadar Pub.
9. Encarta Encyclopedia. (1996). Funk and Wagnalls.
10. Begin, M. (1964). The Revolt: The Story Of The Irgun. Tel-Aviv: Hadar Pub. p.162.
11. De Reynier, J. (1950). Chief Representative Of The International Committee Of The Red Cross In Jerusalem. (A Jerusalem Un Drapeau Flottait Sur La Ligne De Feu', Geneva.
12. Yediot Ahronot. (1972). April 4.
13. Ankori, Zvi (1982). Davar. April 9.
14. Phil Reeves. (2001) War On Terrorism: Israel - Assassins kill general. Independent. Oct. 18.
15. Phil Reeves. (2001) War On Terrorism: Israel - Assassins kill general. Independent. Oct. 18.
16. The Independent. (2001) BBC staff are told not to call Israeli killings' assassination'. August 4.
17. Sami Sockol, Moshe Reinfeld (1998) May 20. the Israeli daily, Ha'aretz
18. Joel Greenberg (1993). Israel Rethinks Interrogation of Arabs. New York Times Aug. 14
19. Weizman, Steve. (2001). Rights Groups Cite Israel Torture. AP Online. Nov. 11
20. Jonathan Alter. (2001). Time To Think About Torture; It's a new world, and survival may well require old techniques that seemed out of the question. Newsweek, Nov. 5.
21. St. Louis Post-Dispatch (2001). U.S. Now might have to consider what once was unthinkable, Dershowitz says. Nov. 5.
22. Ostrovsky, V. The Other Side Of Deception(confessions of a former

- Jewish
MOSSAD agent for Israel) p.188
23. Fisk, R. (1996). Massacre In Sanctuary: Eyewitness. The Independent. April 19. p.1.
 24. The Nation. (1998). Talks with Osama Bin Laden. Sept. 21.
 25. Bernard Reich. (2001). Encarta Encyclopedia. Ben Gurion.
 26. Katz, Samuel M. (1998). Israel's covert crisis Moment. Oct. 1.
 27. ENNES, James M. (1979). Assault on the Liberty; The True Story of the Israeli Attack on an American Intelligence Ship. N. Y. : Random House.
 28. Weiner, Tim. (1999) U.S. Now Tells of Much Deeper Damage by Pollard. New York Times, 11 Jan.
 29. Hersh, Seymour. (1999) The Traitor: The Case Against Jonathan Pollard. The New Yorker Magazine. January 18.
 30. Los Angeles Times. (1997). Engineer Admits Divulging Secrets to Israel. Feb. 20.
 31. Bar-Yosef, Avinoam. (1994). Ethe Jews Who Run Clinton's Court. Maariv.
 32. PIA (2001). From a monitored news broadcast of Yid Israel radio. Oct. 3.and. also reported in Pravda.
 33. Jerusalem Post. (2001). Thousands of Israelis missing near WTC, Pentagon. Sept. 12.
 34. Lipton, Eric. (2001). Estimates of toll may be too high. New York Times.Sept. 22
 35. McWilliams, Brian. (2001) Instant Messages To Israel Warned Of WTC Attac. Newbytes. Sept. 27
 36. Dror, Yuval. (2001). Odigo says workers were warned of attack. Ha'aretz.Sept. 29.
 37. Melman, Yossi. (2001). 5 Israelis detained for "puzzling behavior" after WTC tragedy. Ha'aretz. Oct. 14
 38. Bennet, James. (2001). Spilled Blood Is Seen as Bond That Draws 2

Nations Closer. NY Times. International section. Sept. 12

Artigos adicionais de interesse:

Read a sample Chapter from David Duke's autobriography:

- Jewish Supremacism
- Who runs the media?